

→ Ricardino de Azevedo Raugel,
e.e.

→ Ercília Cesar Noqueira, n. em 02.03.1906 em Ribeirão Preto, SP, e + em 10.03.1986 em Taquaritinga, SP, ocasião em que fez a primeira doação de córneas da região, iniciando assim o programa de doação de olhos para o Banco de Olhos Normalista formada em 1924; professora; funcionária autárquica, SP. Filha de

Maria Amélia Noqueira (n. na Fazenda da Glória, em Bananal, SP e + em São Paulo e de Julião Cesar da Silva Pereira (n. 1849, + 1942 em São Paulo; meta do

2º Comendador Antonio José Noqueira (Nogueirinha) (n. em 1827, no Bananal e + em 06.12.1888) em São Paulo e Maria da Glória... O 2º Comendador Antonio José Noqueira foi grande fazendeiro, proprietário das Fazendas da Glória e da Serra, no Bananal, além de outras em Angra dos Reis e Manbucaba, RJ. Foi Coronel-Comandante Superior da Guarda Nacional, Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Comendador da Ordem de Cristo, Deputado Provincial e Vice-Presidente da mesma assembleia legislativa, em 1880. Bisneta de

1º Comendador Antonio José Noqueira e de Adriana Florinda (ele n. em 1793 na Freguesia do Senhor Bom Jesus de Livramento, no Bananal e + em 08.04.1964 em Angra dos Reis, na então Província do Rio de Janeiro. Foi alferes da Imperial Guarda de Honra, Vereador à primeira câmara instalada em Bananal; Major-Comandante da Guarda Nacional da Vila, em 1842. Chefe do Partido Liberal, foi chefe do malogrado movimento revolucionário que deveria rebentar em Bananal em 1842 e que tinha articulação com os revoltosos de Silveiras e Lorena, comandados pelo destemido tenente Anacleto Ferrei-

do Bananal,

Ramos da Silva

ra Pinto. Com a ascensão do Partido Liberal, depois da anistia concedida em 1844, foi eleito deputado em quatro legislaturas, de 1846 a 1853. Foi promovido a coronel da Guarda Nacional. Em 14-4-1846, juntamente com seu genro, Dr. João da Silva Carrão, Anacleto Ferreira Pinto, Estevão Ribeiro de Resende e outros deputados, foi agraciado por S.M.o Imperador, recebendo o oficialato da ^{1ª} Ordem da Rosa. Recebeu também a comenda da Ordem de Cristo e mais tarde a dignatária da Imperial Ordem da Rosa. Foi casado em primeira núpcias ^{em 1812} com Mariana da Silva (1812). Em ^{segundas} novas núpcias ~~casou-se~~ com Adriana Florinda, nascida em 1796 no ~~Bananal (Areias)~~ e ~~+ na mesma cidade em 27.5.1859.~~

Comunidade da Silva.

→ O 1º Comendador Antonio José Nogueira era irmão de Luciano José de Almeida, que adotou o nome do seu avô paterno e foi abastado capitalista e fazendeiro, possuindo uma das maiores fortunas da época. Ao contrário do irmão, que era chefe do Partido Liberal, Luciano José de Almeida foi chefe do Partido Conservador, e esteve ao lado do Governo Imperial por ocasião da Revolta de 1842 e pelos seus serviços recebeu a Comenda da Ordem Militar de Cristo. Foi casado com Maria Joaquina Sampaio, cognominada a Matriarca de Bananal.

Tanto o 1º Comendador Antonio José Nogueira quanto seu irmão Luciano José de Almeida tornaram-se famosos na história política e econômica do Bananal, SP. Além do controle da economia e da política local, deixaram enormes troncos familiares que se constituem a própria essência do Bananal, formando, no passado, uma autêntica nobreza da terra. Dentre seus descendentes aparecem as Baronesas do Bananal, Joatinga, Ribeiro Barbaso e os Barões de Almeida Vallim e de Aguiar Vallim, além do Visconde de São Lau-

tindo. Trineta de

Luiz José de Almeida, n. em Areias, Freguesia da Vila de Guaratinguetá em 1771 e morreu prematuramente em fins do ano de 1809, na Freguesia de Bom Jesus do Livramento. Em 1791 casou-se com Ana Maria Rodrigues, n. 1774, filha de Antonio Rodrigues Pinto e de sua legítima mulher Ana Joaquina da Conceição. + em 24.6.1814, agricultores. Por seu pai, era Ana Maria Rodrigues trineta do notável Capitão Tomé Rodrigues Nogueira do "tronco dos Nogueira" (Mello, 1942). Quadrineta de

Alferes Pedro Rodrigues de Almeida Leal (pai de Luiz José de Almeida) n. Portugal pelo ano de 1715, tendo, por volta de 1750, fixado residência em Baependi, onde casou com Isabel da Silva Leme, n. em Baependi, bairro do Arrozal, filha do Capitão Pedro da Silva Góes e de sua legítima mulher Catarina Leme do Prado (Silva Leme, VI, 433 e Carlos da Silveira, Subsídio CII, Correio Paulistano de 6.6.1941) O alferes Pedro de Almeida Leal, como vem citado nos Recenseamentos das Ordenanças, transferiu sua residência, indo com sua esposa residir em Areias (Sant'Ana da Paraíba Abaixo), pertencente ao Distrito da Vila de Guaratinguetá. Antes de 1780 mudava-se, novamente, o alferes, juntamente com sua família, para sua fazenda, no Caminho Novo, em terras que mais tarde vieram a pertencer à Freguesia do Senhor Bom Jesus do Livramento (hoje Bananal). Morreu o alferes pelo ano de 1789.

Ercília Cesar Nogueira era também quadrineta (por parte de Ana Maria Rodrigues, cc. Luiz José de Almeida) de

Antonio Rodrigues Pinto, nascido em data não apurada e + em 1797, tendo sido casado com Ana Joaquina da Conceição, n. Queluz de Minas em data ignorada e + em 24.6.1814. Pentaneta, por parte de Antonio Rodrigues Pinto, de Antonio Pinto da Sil-

nascido em Pindamonhangaba, cc. Ana Jacinta Nogueira (neta do Capitão Tomé Rodrigues Nogueira do Ó e filha de Luiz P. Dias e de Maria Rodrigues do Prado), 6ª neta de

Maria Rodrigues do Prado (filha do Capitão Tomé Rodrigues Nogueira do Ó). Apresentada por alguns linhagistas como Maria Nogueira do Prado, casou-se com Luiz Pereira Dias, natural da Ilha Terceira. Faleceu ela no dia 2 de fevereiro de 1755. No seu testamento manda celebrar missa por intenção do seu pai e de sua mãe e fala de promessas de romarias a Tremembé e Aparecida, e acrescenta que "tudo o que eu poderia gastar no caminho aplico para a dita Senhora." Deixou legado para sua irmã e afilhada Antonia tomar estado. Maria Rodrigues (Nogueira) do Prado e seu marido Luiz Pereira Dias foram os doadores do patrimônio para a construção da nova Matriz de Baependi e contribuíram para o desenvolvimento econômico não somente da cidade como da região ("Baependi", de José Alberto Pelúcio, 1942). 7ª neta do

Capitão Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, considerado o fundador de Baependi e do tronco dos Nogueira no Brasil. Seu nome de batismo era Tomé Rodrigues Nogueira, tendo sido o Ó acrescentado no Brasil. Descendia de um fidalgo espanhol, D. Fernando Rodrigues Nogueira, do Reino de Aragão. Em virtude das guerras, esse fidalgo transferiu-se com a família para as Canárias e a Ilha da Madeira, em cuja capital, Funchal, Tomé nasceu. Este era filho de Antonio Nogueira e de Francisca Fernandes do Vale, que se casaram em 1673 na Igreja Matriz de Funchal. Seus avós paternos eram Manoel Lopes Nogueira e D. Sebastiana Ozório, e seus avós maternos Manoel Rodrigues e Maria Fernandes. ("O Fundador de Baependi", de José Guimarães, separata do jornal Voz Diocesana, da cidade de Campanha, Minas Gerais, 1961).

Presume-se que Tomé Rodrigues Nogueira tenha chegado ao Brasil por volta de 1700, com mais de 20 e menos de 26 anos. Veio com a grande debandada que largou Portugal por essa época para buscar ouro no Brasil. Depois de passar por São Vicente e São Paulo de Piratininga, fixou-se em Taubaté, Estado de São Paulo, fato esse que recordará em seu testamento de 1741. Nessa cidade, passagem das bandeiras, casou-se com Maria Leme do Prado, pertencente a uma família de bandeirantes. De Taubaté transferiu-se para Guaratinguetá. Em 1710 o "capitão Tomé Rodrigues Nogueira" com uma companhia de 27 homens livres e 7 escravos dirigiu-se à cidade de Paraty para defendê-la dos piratas de seis naus francesas. Chegou a esse porto aos 12 de setembro de 1710 e ali permaneceu até 1º de novembro do mesmo ano, retirando-se nessa ocasião por terem os invasores abandonado aquelas costas. Sobre tais eventos existe certidão com data de 1º de novembro de 1710 passada na então Vila de Paraty e assinada por um capitão, de nome Francisco de Seixas. ("Histórias de Minas e Memórias" de Nogueira da Gama, Pedro Calmon, Livraria José Olímpio Editora, 1985, pg.8). Os piratas referidos eram comandados por Jean François Duclerc que, no mesmo mês de setembro, invadiu a cidade do Rio de Janeiro, por terra, tendo desembarcado com cerca de 1.000 homens em Guaratiba. (~~A respeito dessa invasão, o filho de Ercília Nesar Nogueira, de nome Paulo — vide adiante) escreveu um livro intitulado "Revisão Criminal: o Assassinato de Duclerc."~~) Em 13 de janeiro de 1711 Tomé Rodrigues Nogueira recebeu a patente de "capitão da infantaria e ordenança do distrito de Piedade, tendo sido eleito pelos oficiais da Câmara da Vila de Guaratinguetá. Pedro Calmon, no livro citado, atribui essa honraria ao desempenho que Tomé teve no episódio da defesa

de Paraty. Concomitante às suas funções, como era hábito na época, Tomé se dedica à extração de minérios ou à troca de produtos agrícolas por ouro, pois em " 4 de fevereiro de 1711 ele se apresenta em São João del Rey para quintar oito oitavas e 1/2 de ouro. Nesse mesmo ano há registro que Tomé tenha ido ao Rio de Janeiro para enfrentar novos piratas. Vinham em 17 poderosos navios de guerra capitaneados por Duguay-Troin; invadiram a cidade, saquearam-na e praticamente a limpam de suas riquezas. Com a vergonhosa rendição do governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Morais, apelidado pelo povo de Vaca, Duguay-Troin transportou as riquezas para bordo de seus navios e zarpou. Mesmo sabendo que se aproximavam tropas vindas das Minas Gerais, o governador não enfrentou os piratas. Quando as tropas chegaram, nada mais havia a fazer. Retornando a Minas, Tomé dedica-se às suas terras, e não resta dúvida de que elas se desenvolvem porque em 1715 Tomé paga o imposto de capitação por possuir 5 escravos. Em 30 de abril de 1718 é promovido a sargento-mor, sendo nomeado a pelo Conde de Assumar como provedor dos Quintos do "distrito do Caminho Velho até a Mantiqueira, e Provedor Real da Fazenda do Registo do Rio de Baependi. Nessa época encontram-se lançamentos de dízimos feitos por ele, no Caminho Velho, que compreende os povoados conhecidos pelos nomes de Aiuroca, Baependi, Bela Vista, Bombaça, Cajuru, Capão Grande, Capão Redondo, Carrancas, Caveira, Caxambu, Encruzilhada, Palmeira, Passa Quatro, Passa Trinta, Pinheirinho, Pouso Alto, Ribeirão da Caveira, Rio Grande, Rio Verde, Tijuco e Tororó. Junto ao núcleo da povoação, instala Tomé Rodrigues Nogueira sua casa grande, conhecida como o Engenho. José Alberto Pelúcio, no seu livro "Baependi",

publicado em 1942, refere-se desta forma a esta casa:
 " Parte do velho casarão de Tomé Rodrigues, no Engenho, resiste ainda à ação do tempo. É solar que merece a estima dos baependianos. Sofreu, é certo, lamentáveis mutilações, desaparecendo do forro da sala de visitas antigas pinturas que ali se viam. As grossas paredes de taipa dessa construção colonial ali se ostentam, contrastando com sua espessura a estreiteza das janelas, abertas para risonhas paisagens de entorno; as requestradas donzelas, refere esmaecida tradição, dormiam sobre o teto, aí penetrando através de um alçapão que era, depois, cuidadosamente trancado. As mulheres, naqueles afastados tempos, eram raras e muito disputadas; verdadeiros tesouros que precisavam ser bem guardados." Esta casa existiu até 1950; depois foi destruída. Segundo registros, Tomé Rodrigues Nogueira batizou 9 filhas em Baependi; como já possuía 1 filho e 1 filha nascidos em Guaratinguetá, o casal teve, portanto, 11 filhos. Em 18 de janeiro de 1736 aparece pela primeira vez seu nome inteiro, quando é nomeado guarda-mor em Baependi: Tomé Rodrigues Nogueira do Ó. Morreu em Baependi em 30 de agosto de 1741, com testamento.

→ Ricardino de Azevedo Rangel e Ercília Cesar Nogueira foram pais de:

- 4928 VI -1 Maria Helena Nogueira Rangel
- 4929 VI -2 Paulo Celso Nogueira Rangel
- 4930 VI-3 Mario Nogueira Rangel
- 4931 VI- 4 Flávio Nogueira Rangel

Livros consultados

Geraldo Cardoso de Mello

Os Almeidas e os Nogueiras de Bananal (1942) Publicação do Instituto Genealógico Brasileiro.

José Alberto Pelúcio

Baependi (1942)

José Guimarães

O Fundador de Baependi (Separata do jornal Voz Diocesana, da cidade de Campanha, Minas Gerais, 1961).

Pedro Galmon

História de Minas e "Memórias" de Nogueira da Gama. (José Olympio Editora, Coleção Documentos Brasileiros, 199, em co-edição com o Instituto Nacional do Livro, 1985).

Pedro Taques de Almeida Paes

Leme

Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, Tomo III (Ed. Itatiaia, Ed. da Universidade de S. Paulo), página 38, 39.

Rio, 18 de Junho de 1991

EDGARDO,

Fiz aí alguns adendos ao seu trabalho.

A página 9 fez uma árvore, mostrei
a linha até Toné Rodrigues Nogueira (do O')
e um desenho por muitos como o fundador
do tronco dos Nogueira no Brasil.

Segundo meus cálculos o caso de Toné
e Yami teve do Prado deixaram mais

IDP: 20956 (10 of 10)

de 100.000 descendentes que vivem prin-
cipalmente no Rio de Janeiro, Minas
Gerais, São Paulo e Bahia.

Aprovado

PAULO RANGEL

↓
PAULO NOGUEIRA RANGEL